



A ESTÉTICA DO LABIRINTO

Mirian Celeste Martins*

[...] quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.
(CALVINO, 1990 apud LEÃO, 2002, p. 17)

Uma razão especial nos leva a pinçar esse livro publicado em 2002 para uma resenha nesta revista, com foco em linguagem/pensamento: o labirinto como imagem/conceito, como linguagem/pensamento.

O que nos vem à mente, quando ouvimos a palavra labirinto? Na complexa combinatória de experiências singulares, ao que a palavra nos remete? Talvez, mais do que uma definição ou de alguma forma labiríntica qualquer, é muito provável que se apresente a nós a qualidade de algo. Não a coisa em si, nem seu conceito de um modo mais definido, mas uma qualidade. Complexidade, multiplicidade, caos, perdição, jogo podem se misturar nessa polissemia de sentido que nosso pensamento traz à tona.

Labirintos são "imagens que persistem na história da humanidade há milênios", segundo Lucia Leão (2002, p. 12), em seu instigante livro *A estética do labirinto*. Labirintos naturais, em grutas e cavernas, cochas, flores e raízes, nos rizomas, em nosso corpo – cérebro, ouvido, impressão digitais, labirintos unicursais, onde peregrinos não questionam a trilha. Vão firmes por ela, em profunda reflexão enquanto caminham. Nas catedrais medievais de Chartes e Amiens, há concentração mental absoluta, ao percorrer os caminhos em oração. Labirintos com bifurcações, que nos colocam no jogo e fazem criar estratégias, como jogar pedras no caminho. Ou buscar, como Teseu, o fio de Ariadne, para escapar do minotauro, no labirinto criado por Dédalo (aliás, por que Dedalus é banco

* Mestra pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e doutora pela Faculdade de Educação da USP (Feusp). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural. É autora de artigos e livros e presta assessoria a instituições educacionais e culturais públicas e privadas.

de dados bibliográficos da USP?). Labirintos rizomáticos que guardam as características dos outros dois, mas vão além. É o labirinto do ciberespaço, da "www", do próprio pensamento.

O labirinto traz em si a metáfora. Parece expor um modo de pensar o conhecimento. Enfrentamos o Minotauro dentro do labirinto, encontrando caminhos outros, recantos inimagináveis, ou pulamos logo para fora dele, agarrados à linha de Ariadne?

Deslocando-se pela trama conceitual, é, em meio a labirintos, que Lucia Leão nos apresenta sua investigação sobre as obras de arte que revelam uma estética do labirinto. A formulação conceitual é interdisciplinar: labirintos nas diversas culturas, na estética e na história da arte, na ciência. A fundamentação metodológica se apoia na *modelagem cognitiva*¹. Cruzando os estudos sobre labirintos e as manifestações artísticas, ela pode ver, nas lentes da interdisciplinaridade, ressonâncias e ligações. Na apresentação e análise das obras, optou por uma perspectiva a-casual, de causalidade acrônica, fundamentada em Sarduy (1987 apud LEÃO, 2002, p. 17) – "causas e efeitos são como cartas de um baralho que podem ser embaralhadas e seguir em seqüências diversas", e uma perspectiva sincrônica, apoiada em Haroldo de Campos (1977 apud LEÃO, 2002, p. 17), libertando-se de uma "fixidez no tempo", navegando por vários períodos da história da arte.

A cartografia do labirinto, no primeiro capítulo, traça mapas da Antiguidade aos labirintos intertextuais, configurando uma tipologia labiríntica, a mandala e as novas mídias. O segundo – "Labirintos e mapas do ciberespaço" – introduz o conceito de mapa em duas categorias possíveis: aqueles que são criados pela imaginação de uma mente pensante, com um olhar global e panorâmico do espaço no qual será projetado o labirinto, e aquele criado por quem registra suas observações enquanto penetra e avança no espaço desconhecido. Mapas de infraestrutura, das rotas de dados, de *websites*, da atividade da navegação, da visualização da internet provocam surpresa e exigem outra percepção conectável, rizomática, explodindo a bidimensionalidade da cartografia tradicional.

"A poética dos espelhos", título do terceiro capítulo, é grávida de conexões entre obras diversas, como as de Lewis Carol, Van Eyck, Velásquez, Robert Morris, Regina Silveira, Escher, Bill Viola, entre muitas outras. Esses capítulos preparam para o laboratório de ideias e experimentações poéticas realizadas por Lucia no decorrer da pesquisa.

Seu livro é um convite para criar rizomas, mergulhando nas possibilidades da conjunção "e... e... e...", tão cara a Deleuze e Guattari (1995 apud LEÃO, 2002, p. 148-159).

Imagem/linguagem/pensamento. Experiências/subjetividade. Provoações para remexer, desordenar, desaprender. E continuar a descobrir a qualidade do que ser/estar/pensar/sentir labirinto.

1 – Diz Leão (2002, p. 16) sobre modelagem cognitiva: "Neste método dois campos do saber (A e B) são cotejados e desse confronto emerge um novo saber (C). O terceiro saber que aflora propicia uma nova visão tanto sobre o campo A como sobre o B. O saber que emerge (C) é algo que só poderia ser atingido a partir desse percurso interdisciplinar".

REFERÊNCIAS

SARDUY, S. *Ensayos generales sobre el barroco*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1987.

CAMPOS, H. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: _____. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34, 1995. p. 11-37. v. 1.

LEÃO, L. *A estética do labirinto*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2002. 184 p.